

ATLANTICAMENTE ATLÂNTIDA

Em busca de mares já navegados

Janise de Sousa Paiva

*“Não há no mundo só um Portugal,
mas dois Portugais, um em cada hemisfério.”*

Alberto de Oliveira

Portugal parece ter andado sempre a redescobrir mares e terras na eterna busca por descobrir-se. E Camões não deixa mentir, quando canta um Portugal tão ávido que “se mais mundo houvera, lá chegara.”¹ Foi assim com o Brasil. Camões, como Vieira, nos remete a esta busca de Portugal por outros mundos, muito embora, na realidade, à procura do seu.

A este Portugal de terras por achar, com tanto mar – que Teófilo Braga dizia ser a paisagem suprema que o subjuga e fascina – talvez só reste navegar. Navegar até o Brasil é o que decide a Atlântida. Onde a terra se acaba e o mar começa,² começam também as viagens, os sonhos e os projetos de seus editores.

Atlântida, editada em Portugal por João de Barros e no Brasil por João do Rio, será também, segundo seu frontispício, *mensário artístico literário e social para Portugal e Brasil sob o alto patrocínio de S.Ex.^{as} os ministros das relações exteriores do Brasil e dos estrangeiros e fomento de Portugal*. Esta é, porém, uma forma sucinta, formal e meio burocrática de apresentar a controversa revista luso-brasileira que será a *Atlântida* e

que circulou de 1915 a 1920 nos dois países. Seguindo o conselho de Alfredo Bosi, quando diz que “começar pelas palavras talvez não seja coisa vã,”³ podemos perceber que mencionar a Atlântida dos diálogos platônicos ultrapassa a mera evocação toponímica. Afinal, a revista ia receber outro nome, tendo sido cogitado *Arte e Vida*, logo substituído por *Atlântica*, aparecendo, definitivamente, como *Atlântida*.⁴ O fato de receber este título, longe de ser um aspecto a ser desprezado, funciona, ao contrário, como elemento de relevo a contribuir para melhor traçarmos seu perfil. *Atlântida* figura, no periódico de aspirações luso-brasileiras, como sendo a transposição do mito da grande civilização marítima em projeto político.

Atlântida, ilha ou continente submerso, aparece pela primeira vez nos diálogos *Timeu* e *Crítias*, de Platão, sendo sede de antiga civilização existente no Oceano Atlântico, a oeste da Europa e África, além das Colunas de Hércules, Estreito de Gibraltar. Relato de um grandioso Império Marítimo, dominado por Poseidon, deus dos mares, o mito permite-nos, logo à partida, associar a Atlântida à *terra marítima portuguesa*⁵. O mito da Atlântida é revisitado enquanto via e viés para se ler o caráter marítimo e expansionista de um Portugal em fase de “decadência” e possível “renascimento republicano,” posto entre parênteses o fato, típico dos mitos, de ter ou não existido.

Difícil é não pensar em Fernando Pessoa quando Platão apresenta o Mediterrâneo como *mar com fim* a este opondo o *mar sem fim*,⁶ o “verdadeiro mar” que seria o Atlântico. O Atlântico, caminho da grande viagem, é metáfora expressiva de um Portugal que, além das possíveis origens atlântidas, aponta para a filiação simbólica deste “mar sem fim” que aproxima homens, tempos e espaços. Quem, com efeito, não se lembraria do Portugal de Fernando Pessoa cantado em *Mensagem* como pai de amplos mares, ao ler no *Timeu*:

*Uma ilha, com efeito, se encontrava diante do estreito que vós chamais as colunas de Hércules. E esta ilha era maior do que a Líbia e a Ásia juntas; daí era possível aos navegadores de antigamente a passagem para as outras ilhas, e, destas ilhas para todo o continente situado em frente delas o que rodeia esse mar longínquo, o verdadeiro mar.*⁷

Imagem de grandiosidade, a exemplo de Atlântida, caberia a Portugal religar as duas pontas do Atlântico, criando, tal como dizia Olavo Bilac, um continente moral em que Brasil e Portugal se encontrassem.⁸ Transpõe-se assim, a ilha ou continente em pleno mar, para o espaço igualmente mítico que ocupa o Atlântico no imaginário português – o

espaço *entre* de uma terra marítima. *Entre* a ação e o sonho, *entre* o mito e a história, *entre* o literário e o político; *entre* Brasil e Portugal. Atlântida figura enquanto alegoria desta aproximação luso-brasileira cujo destino, porém, parece ser também ficar *entre* a idealização e a realização.

Um Portugal ondulante, simultaneamente frágil e robusto, grande e pequeno, afeito a glórias e decadências e que tem no Atlântico o “teatro dos seus grandes feitos e berço e sepulcro das sua glórias,”⁹ permite-nos evocar ainda outro mito, Anteu. Na *Atlântida*, ao contrário do que o seu título à primeira vista sugere, o elemento fundamental, é a terra. Tal como o Gigante de força prodigiosa, o Portugal de *Atlântida* para revigorar suas forças também fincaria os pés na sua terra. Partindo desse elemento fluido que é o oceano, é para um renascer da terra portuguesa que a luso-brasilidade da revista aponta. Refazendo-se na imagem do mar que abrigou a Atlântida, é para a terra marítima portuguesa que a sua leitura nos conduz.

O mito da Atlântida e o mito de Anteu complementam-se nas páginas atlânticas da revista, reforçando simbolicamente a necessidade de Portugal buscar saídas para a sua situação presente. Atlântida e Anteu são dois mitos dos quais Portugal deve lembrar-se em momentos de instabilidade, como pareciam se configurar estes anos que vinham durando desde o *Ultimatum* que exigia a saída de Portugal das colônias da África em 1890, passando pela instalação da República e atravessando anos difíceis no cenário internacional em decorrência da Primeira Guerra Mundial. Anteus e Atlântidas nos remetem a um Portugal território e fronteira, em sua ocidentalidade finistérica.

Boaventura de Sousa Santos, encontrando raízes talvez em Sérgio Buarque Holanda, quando chama Portugal de “zona fronteiriça, zona menos carregada de europeísmo,”¹⁰ revela a existência de uma forma cultural portuguesa específica: a fronteira, o estar na fronteira.¹¹ Já Sampaio Bruno, em 1898, no livro *O Brasil Mental* prenuncia um Portugal que se encontra na “busca de quem somos, na distância de nós,” como dirá Pessoa em *Mensagem*, ao traçar sua lúcida análise da trajetória portuguesa e conclui: “Deixamos de viver da Índia; passamos a viver do Brasil; mas não aprendemos a viver de Portugal.”¹² Nas palavras de Eduardo Lourenço a imagem se repete: “O futuro de Portugal foi desde cedo o ‘lá fora’, a distância, nossa ou alheia. Foi a Índia, o Brasil e a África [...]”¹³

Este Portugal, conjunção de terra e mar, será na revista um Portugal que remetendo-se ao Brasil, nem por isso deixará de regressar à própria terra que o descobriu. Recebendo como legado um Portugal recém saído de um período monárquico que chega “ao século XX, um dos mais

analfabetos, mais incultos, mais pobres e mais endividados países da Europa,¹⁴ caberia à República, inspirada na Renascença Portuguesa – movimento cultural de ressurreição nacional que terá em Teixeira de Pascoas seu grande mestre – fazer renascer o Portugal do tempo das descobertas marítimas.

O Portugal, quase a naufragar, apresentado pela *Atlântida*, a “Pátria adormecida” dos poetas da época, desperta para a grande obra de renovação social a que a República se propunha. Buscando em velhos temas, inspiração para refazer sua história, figura um Portugal que vive do que nunca morre: da saudade do passado. Saudade de Camões, de Nuno Álvares, de conquistas de novas terras e ainda de saudades do Brasil. Relativamente a esta idéia, o culto a Camões, por exemplo, que se expande a partir de 1880, será reapropriado pelo discurso republicano, fazendo de *Os Lusíadas* a expressão máxima da nacionalidade portuguesa e, de seu autor, o intérprete da alma nacional.

Tudo se passa patrioticamente neste período. Paisagens, educação e arte, giram em torno da reestruturação de Portugal num cenário de guerra. Difundido na escola e na família, o amor à Pátria será assim, um meio de propagar a ideologia nacional. Será neste cenário de exaltação de sentimentos nacionais portugueses que a luso-brasilidade da revista se desenvolverá e se perderá. Autêntica propaganda de Portugal, só *Atlântida* parece acreditar que para melhor aproximar Brasil e Portugal deve, quase que exclusivamente, apresentar Portugal ressaltando suas particularidades e riquezas nacionais. *Atlântida* será uma divulgação algo panfletária de Portugal, aquém e além mar.

Diluindo as fronteiras do mítico e do político, do Brasil e de Portugal, *Atlântida*, à imagem do “território-ponte” a que se referira Sérgio Buarque de Holanda, parece não saber bem “onde acaba Portugal e onde começa o Brasil.”¹⁵ Vendo o Brasil como um “moço e enorme Portugal” repetirá ainda a idéia de que “Portugal não pode perder os direitos que o passado lhe dá, ao velho e sincero afeto do Brasil.”¹⁶ Inspirada em um passado comum de metrópole e colônia, apresenta um Portugal anacrônico, situado num tempo que confunde as noções de passado e presente.

Sonhando com uma epopéia marítima, profeticamente inspirada, que garantiria a Portugal a insígnia de “Povo Messias e Mártir,”¹⁷ o Portugal da *Atlântida* será sempre crença no porvir, à espera de um acerto de contas com sua predestinação histórica. *Atlântida* nos remete à noção de destino, enquanto eixo interpretativo da história portuguesa. Para os editores da revista, reaver o império, simbólica e concretamente, era ainda naturalizar a ação portuguesa além fronteiras, no encontro de Áfricas e Brasil sempre seus. Buscando o renascer de uma identidade portuguesa

que vagueia pelo passado, construirá um Portugal de mares já navegados e ainda por navegar. Mesmo recorrendo a um movimento de revalorização pátrio, fundado na exaltação da cultura popular e regional, seu resgate da terra portuguesa incluirá, ainda e sempre, uma volta ao mar. Simbolizando, este seu retorno atlântico ao Brasil, uma nova e mesma busca por *novo reino, novas terras, novas Áfricas e novas Ásias; novo Império*.

O Brasil de *Atlântida* se constituirá, pois, enquanto representante emente da “raça” e da tradição gloriosa de Portugal. Para João de Barros e João do Rio, voltar-se para o Brasil será honrar e fazer reviver o passado português, fazendo-o cumpridor de seu destino além mar. Pedagogicamente orientando seus leitores, João de Barros apresenta o significado dessa nova volta ao Brasil nos instáveis anos da República e da Primeira Guerra. Para João de Barros, viajar mais uma vez por velhas rotas atlânticas será:

[...] abrir sobre as duas margens distantes do Atlântico, as asas possantes do eterno espírito lusitano, ansioso de conquistar, no tempo e no espaço, a infinita, a suprema, surpresa de um futuro formidável, de um futuro de riqueza moral e material, de poder mental e artístico, e – não hesitemos em dizê-lo – de renovada supremacia sobre o globo.¹⁸

Os traços da luso-brasilidade de *Atlântida* estarão espalhados por toda a revista. Podem ser lidos em muitos momentos, mesmo quando a isso não se propõe. Fazem-se sentir, sobretudo, nas formas de representar o Brasil e Portugal, na valorização do emigrante português, do passado histórico em comum, da herança da língua e também no uso destes elementos como argumento para fomentar, no Brasil, o culto de duas-mães-pátrias, sobretudo no momento em que abraça a idéia de uma Confederação Luso-Brasileira, tal como foi pensada por intelectuais e políticos da época.

Alheios a esta discussão formal de se pensar o Brasil e Portugal, os emigrantes portugueses cumpriam, no seu viver, o papel de aproximadores dos dois países. Parte viva do mundo do trabalho brasileiro, emigravam por questões econômicas bem definidas, que os impulsionavam a “fazerem a América” e a “se fazerem no Brasil.” Os emigrantes portugueses da *Atlântida* figuram, não só enquanto agentes de preservação da língua e da herança cultural portuguesa no Brasil, como também, enquanto justificativa em nome da qual adotariam posturas não muito consensuais, tal como estampava a revista. Exercem mesmo uma função paradigmática

por ocuparem, de algum modo, este lugar *entre* que a *Atlântida* representa. Nem lá nem cá. Miticamente, personificam o grande abraço mental entre Brasil e Portugal.

Valorizando um tempo longo, uma história avessa a descontinuidades, pautada em uma geografia dos sentimentos, *Atlântida* apresentará um Brasil de contornos pouco definidos, mero prolongamento de Portugal. Reforçando elos históricos nunca rompidos e valendo-se de argumentos que preconizam um pensar e um sentir igual em ambos os lados do Atlântico. Para a *Atlântida* o Brasil não apenas pensa e sente tal como Portugal, como também a ele pertence sentimentalmente: “O Brasil, politicamente emancipado e independente, nem por isso deixou de ser nosso filho; nem por isso deixou de ser nosso.”¹⁹ *Atlântida* não estampará em suas páginas o Brasil mental a que se referia Sampaio Bruno quando ressaltava a necessidade de se desvendar o que é o Brasil e como ele pensa,²⁰ não conseguindo ir além das convenções e das razões econômicas e políticas que motivam a sua luso-brasilidade evocada. O que encontramos ao ler seus números são, na verdade, caminhos de leitura para se pensar o Portugal mental da revista.

Atlântida parece resolver a inquietação de Bruno de modo bastante simples. Na sua intenção de mostrar que os dois países são um só, *Atlântida* traz explícita uma aproximação além fronteiras. Mas, na esparsa colaboração brasileira, nas imagens de Brasil e de Portugal que constrói (aliás, pouco atentas a um cenário brasileiro específico, marcado pelas reflexões acerca da questão nacional, que por vezes implicaram em um desprezo pela herança cultural portuguesa), seus modos de abordar o Brasil nos fazem pensar em uma grande separação entre ambos.

Atlântida naturaliza a geografia ao veicular a idéia de um destino atlântico, imposto pelas respectivas posições geográficas, reforçado na imagem de um oceano que pertence a Portugal, de fato e de direito. Portugal naturaliza seu projeto político valendo-se da poética imagem do mar. Sempre ele. Demanda da natureza, a realização de uma unidade política entre Brasil e Portugal como parte de um Grande Império Colonial Português não revelaria, segundo seus simpatizantes, mais do que a vocação atlântica de Portugal; *o mar sem fim de Atlântida é português*. Desafiando o tempo e o espaço, fará desta sua morada, para que possa ser *Atlântica* sendo *Atlântida*.

João de Barros viu “um enorme país único, separado pelo oceano, um só país imenso, que na Europa tivesse as raízes indispensáveis de uma tradição, e na América a energia, a fé, o amor, ainda mais indispensáveis, da juventude permanente e criadora! *Esquecia a distância*”²¹ e, talvez por isso, por esquecer a distância, esqueceu-se de um Brasil outro que

não o “Portugal no novo mundo.” No destaque dado ao emigrante, à língua portuguesa e ainda na defesa de uma unidade política entre os dois países, *Atlântida* nos apresenta um certo Brasil que, por trás da amistosa fachada de país “irmão” ou “filho”, acaba por reforçar a idéia de um país que *ainda vai tornar-se um imenso Portugal*. Ainda que não apagadas certas particularidades brasileiras, pretendia-se, no fundo, um país não tão diferente de Portugal; um Brasil que, de alguma forma, espelhasse Portugal.

Notas

¹ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972, Canto (VII, 14), p. 389.

² *Idem, ibidem*, Canto (III, 20), p. 168.

³ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p.11.

⁴ Manuel de Sousa Pinto, em 1909, escreve em carta a João de Barros: “em vez de *Arte & Vida*, poderemos dar outro nome à colossal revista. Lembrei-me de vários, que compendiassem Portugal e Brasil. Há um de efeito: *ATLÂNTICA*. Gostas?” Ver: AZEVEDO, Manuela de. *Cartas a João de Barros*. Lisboa: Livros do Brasil, [1972], p. 180-181 *apud* SARAIVA, Arnaldo. *O Modernismo Português e o Modernismo Brasileiro - subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Porto, Ed. do autor. 1986, p. 137-138.

⁵ QUADROS, António. *Portugal, Razão e Mistério*. Vol. I, Lisboa: Guimarães, 1986, p. 46.

⁶ PESSOA, Fernando. “Mensagem” in: *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galloz. 13ª ed., Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1972.

⁷ PLATÃO. “Timeu” in: *Diálogos*. Vol. XI, Coleção Amazônica/ Série Farias Brito, Universidade Federal do Pará. 1980, p.43 (25 a e 25b) (grifo nosso).

⁸ BILAC, Olavo. “Discurso”. *ATLÂNTIDA*, Ano I, Vol II, Nº. 06, Abril 1916, p. 591.

⁹ ENGLEKIRK, John E. “Unamuno y el culto al dolor” in: *Comparative Literature*. Vol XII, 1960, p. 142-150 *apud* COELHO, Jacinto do Prado. *Originalidade da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa/ Livraria Bertrand, 1977, p.30.

¹⁰ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 16ª ed., Rio de Janeiro. José Olympio, 1983, p.78.

¹¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994, p.134.

¹² BRUNO, Sampaio. *O Brasil Mental*. Porto: Livraria Chardron, 1898.

¹³ LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro - seguido de imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p.69.

- ¹⁴ COSTA, Emílio. "As classes médias e a revolução Social". *ATLÂNTIDA*, ANO IV, N° 39, Junho 1919, p. 301.
- ¹⁵ VIEIRA, Afonso Lopes. "A Propósito da Obra Poética da Senhora D. Maria Amalia". *ATLÂNTIDA*, Ano III, Vol VIII, Março-Abril, 1918, p.602.
- ¹⁶ BARROS, João de. *A Energia Brasileira*. Porto: Livraria Chardron, 1913, XXVII.
- ¹⁷ CORTESÃO, Jaime. "Afirmações da consciência nacional VI - Revista do Mês". *ATLÂNTIDA*, Ano II, Vol. IV, N° 13, Novembro 1916, p. 66.
- ¹⁸ BARROS, João de. "Aproximação Artística Luso-Brasileira". *ATLÂNTIDA*, Ano III, Vol. VII, N° 28, Fevereiro 1918, p. 448.
- ¹⁹ OLIVEIRA, Alberto. "Os portugueses no Brasil". *ATLÂNTIDA*, N° 03, Ano I, Vol, I, N° 03, Janeiro 1916, p. 198.
- ²⁰ BRUNO, Sampaio. op.cit., p. VIII.
- ²¹ BARROS, João de. Editorial. *ATLÂNTIDA*, Ano I, Vol. I, N° 01, Novembro 1915, p. 06.